

Valter Hugo Mãe

Entrevistado por Maria Augusta Silva

ABRIL 2003

Distinguido com o Prémio Garrett, atribuído ao trabalho inspirado em Schiele. A presente entrevista a Valter Hugo Mãe foi realizada na ocasião do lançamento do seu livro de poesia: *O Resto da Minha Alegria*. Pedro Abrunhosa fez a apresentação no Teatro do Campo Alegre (Porto). O poeta, apesar de licenciado em Direito, não quis ser advogado.

Uma boa razão para ser poeta?

Escapar à loucura. Tenho de escrever para não ficar louco. Ao contrário dos românticos, não quero ser louco. E talvez o lidar com coisas que se veem e não têm outra explicação que não a da doce ilusão da poesia, de toda a arte.

Um dependente da poesia?

Dependente da arte em geral. Não passo, por exemplo, sem ouvir música. Se calhar compro mais discos do que livros, mas a verdade é que compro muitos livros.

Música e pintura interpenetram-se na sua criatividade poética...

Há respirações e ritmos próprios de determinadas músicas que ouço e suspeito que me tenham ensinado a marcar também o verso.

Deixou África em criança mas nasceu ali, onde a música é primordial. Essas coisas colam-se à pele logo à nascença?

Não me foi ainda possível voltar a Angola mas vivo atazanado por essa ideia. Acabo por perceber que há um pé a bater, aquele batuque que não me larga. As músicas brasileira e a africana que vou ouvindo satisfazem-me um pouco essa necessidade. Costumo dizer que tentei ser preto e não consegui.

Vai ser lançado o seu novo livro de poesia, *O Resto da Minha Alegria*, seguido de *A Remoção das Almas*. Volta a dar-se uma relação com o amor e a morte mas sendo a morte «alegria» ou até «milagre»... Como é possível?

Tenho a tendência para acreditar que a morte não é o fim. Sinto muitas dúvidas, tento resolvê-las mas não sei. Talvez seja uma ingenuidade constante a querer que Deus realmente exista.

Cria o seu Deus?

Prefiro acreditar que está à minha espera. Se existir, julgo que há de respeitar-me e gostar de mim.

Régio viveu esse conflito existencial, dizendo-se «filho do amor que há entre Deus e o Diabo». O pensamento regiano influenciou-o?

Sem pretensiosismos, chego a ficar perplexo por coincidirmos em determinadas angústias. É apenas uma coincidência, todavia, as

coincidências passam por mil processos de transformação e haverá momentos em que posso ter mesclado a minha alma com a dele numa outra poética. Sinto uma admiração enorme pela obra de José Régio, sobretudo o ensaio.

Conjuga no feminino a primeira parte do novo livro. Que dualidade há no autor? Será para baralhar?

Também posso baralhar um bocadinho...

Mas é, sobretudo, por gostar de entrar em personagens...

Não sou eu, com 1,74 m, a imaginar-me uma menina a morrer em cima do telhado. Se for, no entanto, preciso morrer de amor, subirei ao telhado, com certeza.

Acha possível um «Romeu e Julieta» nos tempos que correm?

Gosto de acreditar que sim. Sou romântico e adoro cartas de amor o mais ridículas possível.

Como lhe surgiu a ideia de ficcionar em poesia um amor dramático?

Sou muito sensível à Adriana Calcanhoto e ela tem esta frase linda: «Eu vou derramar nos seus planos o resto da minha alegria». Imaginei assim aquela figura feminina a morrer de amor com o resto de alegria.

Lírico?

Tenho uma imagem lírica das coisas mas como nem tudo pode ser lirismo desenfreado fiz um enquadramento e achei piada manter o sujeito com uma voz feminina porque me soa a uma cantiga de amigo em 2003. No fundo sou eu, um homem a fazer de uma menina

que anseia por aquele amigo que não aparece e supostamente até foi inventado por ela. Porque ela diz: «Meu amor inventado ainda assim tanto demoras».

A questão pessoal do fingimento?

Mais complexa do que a do poeta ser um fingidor. Uma mistura de poeta-fingidor com Adriana Calcanhoto e João Gilberto e tudo isso. Ultrapassa toda a realidade e também todo o fingimento.

Quando o leitor pega num livro de poesia poderá ter a ilusão de que está a conhecer, de facto, o poeta?

Apenas a ilusão... Quando saiu o meu livro *A Cobrição das Filhas*, houve mulheres que me davam os parabéns porque eu teria conseguido captar a essência do sofrimento da mulher violada, do incesto, da mulher viúva... Ficava acanhado, não sabia que dizer. Numa sessão em Lisboa, essa história voltou e esclareci: não foi minha intenção elogiar nem dizer mal das mulheres. Criei ali uma forma estética que é a poesia.

Prefere chegar aos outros mais pela valorização dos sentidos defendida por Mallarmé do que por uma sofisticação hermética da linguagem?

Gosto de acreditar que escrevo para mim mas também para gerar alguma comunicação. Por mais mistério que possa deixar nos meus textos, não concebo escrever alguma coisa que depois não sinta que veio de mim.

Quando diz «eis a minha garganta / espaço onde as minhas exposições se fazem», que pistas quer dar?

Trabalho a poesia como um espaço visual; trabalho por imagens. Pretendo criar quadros muito visíveis. Além da relação plástica, procuro um discurso que faça sentido. De contrário, temo que a

poesia que desejo fazer não funcione. Outras poéticas, porém, menos dadas à imagem funcionarão e gosto delas.

Procura captar o presente-efémero?

O poema é como uma bateria que se enche de energia tendencialmente inesgotável. O que a poesia tem de incrível é essa espécie de bateria constantemente carregada. A descarga elétrica faz-se a cada novo leitor, não se perde. Luís de Camões tem 500 anos e os seus poemas continuam plenos de energia, como baterias que se autoalimentam.

Alinha os poemas das páginas ímpares à direita. Um jogo de espelhos para os poemas dialogarem como se fossem reflexo uns dos outros?

Sendo a minha poesia manifestamente visual não podia descurar a exposição do poema em si.

Não está na linha da poesia visual...

Não sou um poeta visual no sentido da poesia concreta. A exposição do poema nesse jogo de espelhos deixa o centro vazio. O centro pertence ao leitor.

Chamei-te mãe / e no oco da boca /senti-me cheio. O pseudónimo que usa, «mãe», é uma homenagem ao ventre-criador?

O que há de maior é realmente a concepção. As mulheres têm o privilégio de realizar o que a humanidade pode fazer de mais incrível. Sou fascinado pelas mulheres. Sou fascinado pelo seu mistério. O pseudónimo é o meu primeiro poema na assunção mais adulta da minha poesia. Revela também a pretensão da arte: ultrapassar todas as barreiras.

O seu pai está igualmente presente no que escreve...

É uma reflexão sobre a morte. Digo num poema de um livro que há de sair mais tarde: *os bichos já devem ter comido o meu pai*. Esta é, ainda, uma forma de amor, de estar com ele, de perguntar: agora onde estás? Progressivamente, aprendi a sentir falta do meu pai vendo-o pelo lado da felicidade de ter sido meu pai. Morreu mas é o meu pai.

Terás de perdoar a / tristeza do meu corpo, ele / não entende o que estou / a fazer. Aos 32 anos, que relação tem com o corpo?

Em pequenino diziam-me que era lindo; na adolescência fiquei esquelético, feiíssimo, cheio de borbulhas. Pensava que ninguém iria gostar de mim. Agora estou pacificado. A questão do corpo no poema tem que ver com esta ideia: o corpo deve ser um ponto de convívio confortável mas nunca a nossa definição.

Faz muitas versões do mesmo poema?

Gosto de me organizar para escrever poesia. Escrevo com uma boa caneta, mas nada de ouro. Uso blocos A5 da mesma marca e sempre que volto a escrever agrada-me ter um bloco novo. Vou escrevendo; a partir do momento em que tenha outra versão, a anterior desaparece imediatamente. Só passo a computador o poema finalizado. E fico com a versão final manuscrita. Na minha cabeça, o bloco é que é o meu livro.

Acha-se um clássico na nova poesia portuguesa?

Preocupo-me com grandes temas: amor, Deus, morte, família. Isso começa a estar presente em alguns autores como, por exemplo, José Luís Peixoto; dá-se um regresso a uma semântica mais elaborada; uma maior preocupação em falar de coisas essenciais.

Um poeta desorganiza muita coisa para levar à reflexão?

Não escrevo poesia procurando que sirva para alguma coisa, todavia se desorganizar de modo a fazer alguém pensar duas vezes sobre algum assunto, acho que já fiz qualquer coisa também.

Não usa palavras difíceis...

Não uso palavras de que não saiba o significado. Não leio dicionários.

Não se deve ter vergonha de consultar um dicionário...

E consulto, mas não do género: deixa-me ver se descubro aqui uma palavra que me inspire um poema.

Há um primado de poesia muito intelectualizada?

Aqui há uns tempos, a poesia dita *snob* seria uma poesia muito hermética. O *snobismo* parece-me estar agora num decadentismo enervante que leva a uma enorme pobreza. Aceito que a poesia possa ir ao real, contudo sem abandonar o território do sonho. Se perder uma vontade de riqueza criativa esvazia-se para se transformar numa conta bancária ou no texto de uma lista de compras. Penso que a poesia deve ser, sobretudo, enriquecimento. Há, porém, um *snobismo* que propugna a pobreza, o que é contraditório.